

Experienciando o Estágio Supervisionado em Geografia

Davison Marcelino da Silva Rocha

Leo Selva Ortêncio Silva Torres

Murilo Éden da Silva



Enquanto graduandos do curso licenciatura em Geografia, compreendemos que o Estágio Supervisionado se constitui por uma atividade que propicia ao aluno a aplicação dos conhecimentos adquiridos no percurso formativo e no confronto desses conhecimentos na sua prática, entendendo “que a finalidade do Estágio é propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará” (PIMENTA e LIMA, 2006). Por meio dessa ideia, principalmente no contexto emergencial que é a pandemia de Covid-19, não podemos desconsiderar a importância também do Estágio não-presencial para a nossa preparação como professores, visto que o mesmo pode nos ensinar muitas coisas que estão “fora do currículo”.

Nesse contexto emergencial, o Estágio deixa de ser concebido apenas como uma ação prática (do praticar), nos levando a refletir sobre o cenário global e suas implicações no local, caracterizando esse momento como reflexivo e crítico, o que nos permitiu questionar a realidade vivenciada pelo grupo. Assim, partindo da



(Davison Rocha/Arquivo pessoal)

premissa que os conhecimentos são produzidos e modificados, entendemos que os percursos trilhados no Estágio nos ensinou e continua nos ensinando, visto que mudanças tão abruptas ocorreram e nos marcaram.

Contextualizando espaço-temporalmente esse entrelaçado de experiências, partimos de um movimento que mobilizou memórias e sentidos para o ser professor para ir de encontro com o que apregoa Jorge Larrosa (2002): o saber da experiência como um acontecimento. No nosso caso, esse momento foi vivido através de mudanças nas formas de uma aula, bem como com a presença em um novo espaço escolar.

No início de nossos Estágios, em 2019, fizemos a primeira visita presencial a uma escola pública do Ensino Médio. A partir da troca de impressões sobre a paisagem escolar de infraestrutura deteriorada, enquanto conversávamos sobre um sentimento de retorno aos corredores da escola, um de nossos colegas revelou que coincidentemente aquela havia sido sua primeira escola. O colega compartilhou que, automaticamente, se viu aos nove anos de idade circulando pela escola, o que sensibilizou a todos e fez fortalecer a parceria de nosso grupo.

Em um semestre muita coisa aconteceu...

No semestre letivo seguinte, nos vimos aprisionados em nossas casas, sem poder sentir os cheiros que pairavam pelo refeitório ou mesmo ouvir os burburinhos no pátio. Não havia mais contato humano, apenas uma tela com vozes computadorizadas. As sensações mudaram, vieram o desânimo e o tédio, mas também um novo desafio: com o início da pandemia da Covid-19, a partir do Estágio II, fizemos todas as

observações e regências em aulas no formato de ensino remoto.

Em nossas reuniões periódicas, destacamos as sensações de acolhimento proporcionadas pelos alunos e pelo professor-supervisor de Estágio, os quais nos deixaram à vontade durante nossa participação em sala de aula. Também abordamos a questão do medo, um dado bem peculiar, já que reviver a sala de aula, atuando como professor e no formato de ensino remoto, requer bastante responsabilidade, sobretudo na função de Estágio. Nesse caso, as habilidades e competências que a nova profissão exige ainda estão se consolidando, especialmente diante de imprevistos e situações que se instalam fora do planejado. Entretanto, dedicação somada à vontade de avançar e crescer profissionalmente foram e são nossas aliadas para superar todo nervosismo inicial e realizar um bom trabalho.

Quanto à experiência docente na virtualidade nos Estágios decorrentes, também a entendemos como diversa, pois tivemos oportunidades de observar classes com poucos alunos, uma média de dez estudantes, com níveis de atuação e interação extremamente baixos. O que mudou já no Estágio IV, onde encontramos uma classe volumosa, com cerca de 35 alunos, dessa vez atuante e participativa.

A partir das experiências dos Estágios realizados de modo remoto, percebemos que os estudantes sofrem com problemas de infraestrutura e de falta de acesso à tecnologia constantemente, sendo a falta de estrutura para acompanhar as aulas mais comum nas classes do Ensino Fundamental. Esse quadro nos faz perceber o quanto a desigualdade socioeconômica influencia direta e negativamente no pro-

cesso de ensino-aprendizagem desses pequenos cidadãos.

Retomando ao Ensino Médio, no quarto semestre, tivemos como supervisor um antigo professor de um dos estagiários, o qual compartilhou conosco que acompanhar as aulas do professor o inspirou para ingressar no curso de licenciatura em Geografia. Quando estávamos observando as suas aulas, nos colocamos também no lugar dos discentes, os quais participaram das aulas e nos permitiu vivenciar o relacionamento interpessoal entre professor-aluno, reconhecendo os desafios, dificuldades e demandas impostas à prática dos professores em seus cotidianos.

Sobretudo, é importante salientar que nenhum de nós, componentes do grupo, pisamos no chão da escola ou tivemos contato presencial com o professor-supervisor durante o decorrer do Estágio. Todas as observações e regências foram feitas das nossas casas, cada uma em bairros diferentes da cidade Natal, conectados por um meio virtual, realizando todas as ações que descreveremos no decorrer do texto. Utilizando programas diversos de comunicação, ressaltamos que percebemos a comu-



(Leo Torres/Arquivo pessoal)



(Murilo da Silva/Arquivo pessoal)

nicação entre estagiário-estagiário, estagiário-aluno e estagiário-supervisor, ocorrendo seja por mensagem instantânea de texto, seja por videoconferência, seja por uma espécie de mural, foram eficientes e nos permitiram repensar nossas práticas.

Através de nossas observações, tivemos a oportunidade de nos inteirar de temas da Geografia Física, sempre percebendo uma abordagem humanista na prática do professor. Inicialmente, foi abordada a temática Vegetação Original Brasileira, depois Massas de Ar, Hidrografia e, finalmente, Fontes de Energia, temas sempre relacionados com nossas vidas. Já durante a realização de nossa regência, foi possível tratar de assuntos como Hidrografia e Fontes de Energia, de modo contextualizado. Quanto à organização de nossas práticas, atuamos em aula como duplas, mas mantivemos de modo coletivo as reuniões de planejamento, de preparação e produção de material, o que permitia a troca de impressões, ideias e vivências. No momento de realizarmos nossas primeiras aulas expositivas pelo *Google Meet*, tivemos total liberdade quanto ao material que iríamos

discutir e a metodologia empregada, pois o professor nos permitiu ter autonomia.

No entanto, optamos por usar um dos métodos dele, o qual consiste em questionar aos alunos, no final da aula, sobre o conteúdo que foi trabalhado durante a aula; assim, os alunos que respondem corretamente ganham pontos na nota. Ainda sobre as aulas, foi nesse momento em que conseguimos ministrar nossas primeiras aulas em tempo real, com interação direta por voz e câmera com os alunos.

Diante de todas as experiências obtidas nesses Estágios Supervisionados que foram aqui mencionadas, certamente esse foi o momento que mais marcou nossa formação como professores de Geografia, pois pudemos vivenciar diretamente a atuação como docente.

Referências

- LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Scielo, Barcelona, n. 19, p.20-28, 2002.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e Docência: diferentes concepções**. Revista Poésis, vol. 3, nº 3 e 4, pp. 5-24, 2005/2006.